

# BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXXIV nº 1483 | 22/07/2019 a 28/07/2019

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

FEBRE AFTOSA

## O ADEUS À VACINA

Quatro décadas de trabalho colocam o serviço sanitário do Paraná como o melhor do país, a ponto de retirar a vacina contra a doença



[sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br)

# Aos leitores

Evoluir é um ato imprescindível. E para atingir novos patamares evolutivos, seja no aspecto que for, precisamos passar por despedidas para viver novos e maiores desafios. Chegamos a um desses momentos-chave: o Paraná deu adeus à vacina contra febre aftosa e, em 2021, devemos receber o reconhecimento da Organização Mundial da Saúde de Animal (OIE) de área livre da doença sem vacinação.

Se por um lado a nostalgia bate pela lembrança dos milhares de profissionais que dedicaram e dedicam suas vidas à essa missão, por outro é também uma imensa alegria ao Sistema FAEP/SENAR-PR integrar essa conquista. Afinal de contas valeu muito qualificar e representar os produtores, que tiveram papel fundamental ao ajudar a tirar jipes de atoleiros e a levar caixas e mais caixas de isopor a locais sem geladeira para viabilizar a vacinação nos primórdios da sanidade estadual.

Com a reportagem de capa desta edição, que trata deste tema, é impossível não olhar para a conquista que deve vir em 2021 como um dos marcos mais importantes da nossa história. Vencemos, com a ajuda de cada um dos senhores e senhoras que seguram este Boletim nas mãos – ou que nos leem nos nossos canais digitais. Criamos juntos o sistema sanitário mais robusto do Brasil e estamos preparados para distribuir nossa segurança alimentar para todo o mundo.

**Boa leitura!**

## Expediente

### • FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

**Presidente:** Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldado, Ivo Pierin Júnior, Valdemar da Silva Melato e Nelson Natalino Paludo | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretor Financeiro:** Paulo José Buso Júnior | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcantara e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, Julio Cesar Meneguetti e Mario Aluizio Zafanelli

### • SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

**Conselho Administrativo | Presidente:** Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Marcos Junior Brambilla - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Nelson Costa - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Júnior e Carlos Alberto Gabiatto

### • BOLETIM INFORMATIVO

**Coordenação de Comunicação Social e Edição:** Carlos Guimarães Filho | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Bruna Fioroni e Felipe Anibal | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Fernando Santos, Robson Vilalba e William Goldbach | **Contato:** [imprensa@faep.com.br](mailto:imprensa@faep.com.br)

Publicação semanal editada pela Coordenação de Comunicação Social (CCOM) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1483:

Fernando Santos, Neder Corso, William Goldbach, Divulgação e Shutterstock.

## ÍNDICE

### SANIDADE

Conheça um pouco da história da mobilização que permite que hoje o Paraná dê adeus à vacina contra febre aftosa

PÁG. 8

### HOMENAGEM

Sistema FAEP/SENAR-PR lança campanha para celebrar o Dia do Agricultor, comemorado em 28 de julho

Pág. 4

### DRONES

Lançado neste ano, curso disponibilizado pelo SENAR-PR formou mais de 100 turmas em seis meses

Pág. 6

### SUSTENTABILIDADE

SENAR-PR auxilia agricultores de Pinhalão a conquistarem certificação inédita de produção integrada de morango

Pág. 20

### OPORTUNIDADE

Versatilidade da mandioca atrai a atenção do mundo e pode ajudar a gerar renda para produtores do Paraná

Pág. 22

### QUALIFICAÇÃO

Programa Empreendedor Rural auxilia produtor a migrar para produção de hortaliças e melhorar sua rentabilidade

Pág. 26

# Raça holandesa invade capital paranaense

Congresso Holstein de las Américas reúne pecuaristas em Curitiba. SENAR-PR participa da programação com palestra sobre sucessão rural



Curitiba se tornará capital do gado da raça holandesa entre os dias 14 e 18 de agosto deste ano. Neste período, a cidade irá sediar o 15º Holstein de las Américas, congresso que reúne criadores da raça holandesa de 20 países das três Américas (Central, do Sul e do Norte).

A primeira vez que o Brasil sediou este evento foi em 2001, durante a 6ª edição do congresso, que na ocasião foi realizado em São Paulo (SP). Desta vez, a organização ficou a cargo da Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa (ABCBRH) e da Associação Paranaense de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa (APCBRH). O objetivo é promover o compartilhamento de análises e opiniões sobre as tendências mundiais da pecuária leiteira, bem como o intercâmbio de conhecimentos técnicos e científicos referentes à raça holandesa.

Na programação estão previstos

painéis e palestras, além de visitas a propriedades, agroindústrias e à Agroleite, feira voltada ao setor leiteiro que acontece em Castro, nos Campos Gerais. A cidade detém o título de “Capital Nacional do Leite”, por ter índices de produtividade maiores do que qualquer outro município brasileiro.

## Sucessão

O SENAR-PR também estará presente neste evento, por meio de uma palestra com o tema “Sucessão familiar na Fazenda do Futuro”, no dia 15 de agosto. A entidade discute esta questão há muito tempo, visto que a sucessão nas propriedades rurais é uma das grandes preocupações do setor agropecuário.

Para trabalhar esse tema, o SENAR-PR criou o programa Herdeiros do Campo, que desperta na família rural a impor-

tância de planejar o processo sucessório em três dimensões: familiar, empresarial e patrimonial.

Com total de 48 horas, o programa é formado por cinco encontros, nos quais ao menos duas gerações de uma mesma família vão encontrar conteúdos que proporcionem uma ação sinérgica no ambiente familiar para que possam implementar um plano que norteie a sucessão de forma fluida e harmônica.

Para participar do Herdeiros do Campo é necessário a presença de, ao menos, duas gerações: pai e filha, mãe e filho, sogro e genro, etc. Assim, o trabalho será efetivo no sentido de traçar a estratégia sucessória. A intenção com a palestra é apresentar aos produtores de leite e criadores da raça holandesa esse programa.

Mais informações do evento no site: [www.holsteindelasamericas.com.br](http://www.holsteindelasamericas.com.br).

# Homenagem para quem produz

No dia 28 de julho, data em que se comemora o Dia do Agricultor, destacamos a importância da atividade rural para o Brasil e para o Paraná



Muito se fala sobre a importância que a agricultura tem para o Brasil. Não é novidade que o país tem na produção agrícola mais que uma força econômica, mas também uma grande responsabilidade. Líderes e grandes nomes do agronegócio já ratificaram o potencial brasileiro de ser protagonista no desafio de alimentar a crescente população mundial – e é explícito que o setor produtivo tem levado essa missão a sério.

Neste cenário, o Paraná possui presença significativa. Hoje, o Estado detém medalhas de ouro na produção de proteína animal, trigo e feijão, e medalha de prata em produção de soja, milho e leite. No mercado internacional, os produtos paranaenses também são destaque.

Nesta edição, prestamos uma homenagem ao produtor rural. Em uma campanha comemorativa, apresentamos uma série de sete motivos pelos quais celebramos o Dia do Agricultor, no dia 28 de julho, e porque a agricultura representa muito mais que a comida na mesa de milhões e milhões de pessoas (ver box).

“O Sistema FAEP/SENAR-PR se orgulha de representar os produtores paranaenses e, com esforços conjuntos, de fazer do agronegócio a locomotiva do Paraná. Neste Dia do Agricultor reforçamos a importância que o homem do campo representa para todos os setores deste Estado, do Brasil e do mundo. Esta data é mais um motivo para darmos continuidade ao nosso trabalho, com a dedicação e empenho de sempre, nos 365 dias do ano”, destaca o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette.

Há mais de 20 anos, o SENAR-PR contribui para a formação profissional e promoção social de quem trabalha no campo. O gerente do Departamento Técnico da instituição, Arthur Piazza Bergamini, destaca essa missão do SENAR-PR. “O conhecimento é um produto nobre, pois permite a transformação dos produtores e da realidade em que vivem, além de trazer melhorias para os resultados econômicos das atividades da cadeia produtiva. Mais conhecimento gera mais rendimento econômico, que por consequência gera mais retorno e contribuição para o setor”, ressalta. “Temos uma característica muito importante, que é o aspecto social. Isso promove qualidade de vida para o agricultor e sua família”, complementa Bergamini.

## Reconhecer e celebrar

O Dia do Agricultor foi criado em 1960, para comemorar os 100 anos da criação do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), pela determinação do presidente Juscelino Kubitschek, por meio do Decreto de Lei 48.630.

“Nesta data, parabenizamos essa categoria tão importante para o Brasil e para o Estado do Paraná, no dia a dia, nos ganhos de eficiência, qualidade, desempenho e produtividade. O agricultor está sempre se virando para prover bem a sua família e contribuir para os nossos municípios, com a economia do país, abastecendo as famílias brasileiras e mais de 150 países do mundo. É um dia especial porque nós vivemos disso. E o Paraná deve muito ao seu campo, à sua roça, ao seu

agro que produz riquezas, que gera oportunidades e emprega gente”, afirma o secretário de Agricultura e Abastecimento do Paraná, Norberto Ortigara.

No Brasil, o agronegócio é o responsável pelo superávit da balança comercial. De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério da Economia (ME), no primeiro semestre de 2019, o saldo foi de US\$ 40,7 bilhões, o que compensou o déficit de US\$ 14,6 bilhões nos demais setores. Segundo a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Paraná, o Estado é o terceiro maior exportador no setor de agronegócio, com parcela de 14,1%, e saldo acumulado de US\$ 105 bilhões nos últimos dez anos.

No mercado interno, o setor produtivo também possui grande responsabilidade. Em média, o agronegócio responde por 24% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, segundo dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea).

No Paraná não é diferente. São 840 mil pessoas empregadas na produção, processamento e outras atividades relacionadas ao setor, de acordo com a Seab. Além, disso, é no agronegócio que o Estado tem a sua maior fonte de riquezas. Estudo da FAEP comprovou que, dos 399 municípios paranaenses, em 235, pelo menos 50% da renda vinda de ICMS são provenientes do campo.

E é por isso que o agricultor é o maior interessado em preservar o meio ambiente, pois é dele que obtém todos os seus recursos de trabalho. Metade da área dos imóveis rurais brasileiros é reservada à preservação da vegetação nativa, segundo estudo da Embrapa Territorial. Ainda, da totalidade do território brasileiro, um quarto é preservado pelos agricultores.

Entidades como a Embrapa reforçam o trabalho de pesquisa científica e tecnologia, tão importantes para a agricultura e para a eficiência do trabalho do produtor rural com mais sustentabilidade. Seja por meio de máquinas avançadas e drones ou na genética de sementes, são essas inovações que fazem com que a agricultura brasileira se desenvolva com responsabilidade.

A preservação ambiental e as revoluções tecnológicas caminham lado a lado no setor produtivo brasileiro e paranaense. Um dos maiores exemplos é a produção de energia limpa e renovável, a partir de resíduos da própria produção agrícola. Segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), o Brasil já é o segundo maior produtor de biodiesel no mundo, enquanto o Paraná é o quarto maior produtor brasileiro.

## Palavra do agricultor

O presidente do Sindicato Rural de Apucarana, no Norte Central paranaense, Claudomiro Rodrigues da Silva, define o agricultor como um herói da indústria a céu aberto. “Em uma data como essa, é fundamental ressaltar o trabalho do agricultor, sempre lembrando das contribuições da agricultura para os nossos municípios. E ele faz o seu papel, produzindo e respeitando o meio ambiente”, conclui.

Para Ari Antonio Reisdorfer, presidente do Sindicato Rural de Clevelândia, no Centro-Sul, a data é uma oportunidade

para que as pessoas que não têm relação com o campo tomem conhecimento da importância do agricultor e o que ele representa, principalmente para o Paraná. “Nós, agricultores, temos orgulho desta vocação. É um dia para refletir. Sem a agricultura teríamos dificuldades enormes, e isso que vale para o nosso município, com certeza vale para o restante do Paraná. O Estado é modelo, seja no sistema sindical ou cooperativo, graças às lideranças que estão à frente dessas entidades e graças aos produtores que estão sempre dispostos a inovar e, por isso, têm reconhecimento”, orgulha-se.



## Sistema FAEP/SENAR-PR lança campanha do Dia do Agricultor

O Sistema FAEP/SENAR-PR lançou uma campanha em homenagem ao Dia do Agricultor, celebrado em 28 de julho. Os leitores do Boletim e os seguidores das nossas redes sociais poderão conferir “7 motivos para parabenizar o produtor rural”. No Facebook serão veiculados sete vídeos, um por dia, cada um com uma razão diferente para reconhecer os profissionais que com muito suor garantem comida na mesa de todo mundo. No mesmo período, no nosso Instagram, sete imagens celebram os mesmos sete motivos para dar parabéns ao produtor rural. Há ainda uma peça publicitária na página 32 deste boletim com o mesmo tema, cujo objetivo é celebrar, junto com nossos leitores e seguidores, a data comemorativa que reconhece o esforço diário de quem tem no cuidado com a terra e com os animais a sua missão de vida.

### VEJA O VÍDEO DA CAMPANHA NO NOSSO CANAL

#### É fácil!

- Ligue a câmera do seu celular, aponte para o QR Code, acesse o link e assista;
- Caso não funcione, baixe um aplicativo leitor de QR Code.



# Curso de drones forma mais de 100 turmas em seis meses

ATUAÇÃO

SISTEMA FAEP  
SENAR-PR  
FAEP  
FACULDADE DE AGRICULTURA E ZOOTECNIA

Disponibilizada pelo SENAR-PR desde fevereiro, capacitação explora a aplicação do equipamento na agropecuária, como ferramenta de gestão e monitoramento

Com duas turmas formadas na segunda semana de julho – em Cascavel e em Londrina –, o curso “Trabalhador na Agricultura de Precisão: Operação de Drones” ultrapassou sua centésima edição. Não para por aí: já estão confirmadas novas turmas até setembro, em todas as regiões do Paraná. Disponibilizada pelo SENAR-PR desde o início deste ano, a capacitação ensina produtores e trabalhadores rurais a explorar as potencialidades desses equipamentos, aplicadas à agropecuária. A alta procura revela o interesse do setor, cada vez mais, em aderir às novas tecnologias.

“É um curso que superou as expectativas. Quando ainda estávamos em pro-

cesso de formatação [da capacitação], imaginávamos que haveria demanda, mas não que seria tanto assim. Teve um mês em que chegamos a formar 27 turmas”, aponta o técnico do SENAR-PR Neder Corso, responsável pelo curso.

A procura acentuada é mais do que justificada. As aplicações dos Veículos Aéreos Não Tripulados (Vants) – como os drones são chamados tecnicamente – no meio rural são inúmeras. Para a agricultura, por exemplo, há câmeras multiespectrais que podem avaliar a saúde das plantas, a partir de um sobrevoo às lavouras. Com isso, o produtor rural pode identificar as doenças da plantação e tratá-las a tempo, evitando prejuízos.



O instrutor Santos Neto (de colete), com alunos da turma formada em Cascavel

## Confira algumas utilizações de drones no campo

- Mapeamento e georreferenciamento da área;
- Identificação de doenças na lavoura;
- Identificação de áreas degradadas;
- Cálculo de volume de silagem por área de milho;
- Pequenas pulverizações;
- Análise do desenvolvimento das lavouras;
- Contagem de animais;
- Identificação de animais doentes (com febre);
- Contagem de árvores na atividade florestal.

“São câmeras equipadas com sensores, capazes de identificar pragas e pestes, desde em frutas até em lavouras de soja e milho. Essas informações são lidas e mapeadas por *softwares* específicos”, ressalta o instrutor do SENAR-PR Arnaldo Antunes dos Santos Neto.

Outro exemplo é o mapeamento das propriedades, que podem ser feitos de forma remota, com os drones. Em vez de percorrer a plantação com um trator, o produtor pode fazer um levantamento da área a partir do Vant, demarcando áreas de plantio, além de poder verificar eventuais falhas na lavoura, erosões ou pontos de desmatamento. Além disso, o equipamento pode ser utilizado no acompanhamento do desenvolvimento da safra.

Na pecuária, também há múltiplos usos para o dispositivo. A partir das informações captadas pelos drones, há *softwares* e aplicativos que fazem a contagem do rebanho. Além disso, o equipamento vem sendo utilizado na procura por animais fugidos, na identificação de reses feridas e na inspeção das pastagens.

“As aplicações são diversas, tanto que o drone já é uma realidade nas propriedades rurais. É um equipamento

que vai se tornar, cada vez mais, uma ferramenta importante tanto em gestão quando no monitoramento”, avaliou Santos Neto.

### Curso

O “Trabalhador na Agricultura de Precisão: Operação de Drones” tem carga-horária de 24 horas, divididas ao longo de três dias. Ao longo do curso, os alunos conhecem os detalhes do equipamento, as diferenças entre os tipos de modelos disponíveis e os cuidados a serem observados durante a operação. As aulas focam também nas aplicações específicas dos Vants na agropecuária, além de abordar a legislação que regulamenta a atividade.

“Todas as aeronaves [drones] precisam ser registradas na Agência Nacional de Aviação Civil e todos os voos precisam ser autorizados”, exemplifica Corso, destacando os cuidados para o uso.

O curso começou a ser formatado no segundo semestre do ano passado, a partir da demanda dos próprios produtores rurais. Em novembro de 2018, o SENAR-PR fez a primeira experiência, a partir de uma turma-

# 140

Turmas serão realizadas no curso de drone do SENAR-PR até o início de setembro

-piloto, que teve aulas na Lapa, Região Metropolitana de Curitiba. Na ocasião, validou-se a metodologia do curso e se capacitaram seis instrutores, que hoje multiplicam o conhecimento a produtores de todo o Paraná.

Depois da iniciativa-piloto, a primeira turma convencional de “Operação de Drones” se formou em fevereiro deste ano. De lá para cá, o curso passou a ser um dos mais procurados do catálogo do SENAR-PR. Até o fim de julho, 110 turmas terão se formado. Outras 27 edições já estão confirmadas para agosto e três, para o início de setembro.

“Ou seja, até o comecinho de setembro, teremos formado 140 turmas. Todas as regionais já receberam o curso, o que comprova o interesse cada vez maior nesta ferramenta que coloca o Paraná ainda mais na era da Agricultura de Precisão”, diz Corso.

# Do início ao fim da vacinação no Paraná

Conquista de nova condição sanitária irá coroar um trabalho desenvolvido desde a década de 1970, para consolidar o Estado como um agente de segurança alimentar

Por Antonio C. Senkovski



Se no futebol a Seleção Brasileira conquistava o tricampeonato mundial em 1970 como unanimidade internacional, o Brasil como exportador de alimentos ainda engatinhava. Nos tempos do ataque com Jairzinho, Tostão, Pelé e Rivelino, o rebanho bovino nacional se resumia a 80 milhões de cabeças. A produção mal dava para cobrir a demanda interna, a exportação de carne era irrisória, inclusive o país figurava como importador. Jogavam contra a pecuária nacional os índices de natalidade ruins, a mortalidade elevada de bezerros, a idade alta de abate e as doenças recorrentes nas mais diversas regiões do Brasil, como a temida febre aftosa.

Deni Schwartz, um dos desbravadores da bovinocultura de corte na época, lembra bem como eram os desafios da

produção de carne nos anos 1970. Na época, Schwartz morava em Francisco Beltrão, a 75 quilômetros da sua propriedade em Nova Prata do Iguaçu, no Sudoeste do Paraná.

“Naquele tempo, levava quase um dia para fazer esses 75 quilômetros. Eu estava morando em Beltrão, quando recebi a notícia de que um vizinho tinha comprado uns boi-zinhos para mim de um cidadão que passou lá pela minha propriedade”, relembra Schwartz, ex-secretário estadual da Agricultura (2002) e de Transportes (1983 a 1985), além de ex-ministro do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente no governo Sarney (1986 a 1987). “Eram tão magros que se encostassem um no outro, caíam. Mas tudo começou por aí”, completa.





Schwartz chegou a registrar um surto de aftosa em sua propriedade no fim dos anos 1970. “Na época, comprei gado de fora e cheguei a ter esse problema. O pecuarista não gostava de vacinar, ainda mais naquele tempo que o manejo era mais difícil. O pessoal não tinha tanta instrução e nem estrutura como hoje”, relembra. “Com o passar do tempo, as vacinas ficaram melhores [veja o gráfico na página 15]. O pessoal passou a ter mais consciência de que precisava vacinar”, conta.

Para virar esse jogo, assim como numa partida de futebol, a pecuária do Paraná passou a contar com uma equipe bem treinada. Na época, o serviço veterinário oficial paranaense entrou em campo com força total para promover uma transformação significativa. As táticas eram ousadas, necessárias para driblar uma

série de obstáculos como estradas precárias, falta de rede refrigerada e desconfiança dos produtores às novidades apresentadas.

Hoje, Schwartz vive na propriedade onde tudo começou, em Nova Prata do Iguaçu. Atualmente, possui em torno de 900 cabeças, em uma área de 480 hectares. Um dos recentes investimentos é um confinamento para instalação de um biodigestor, ambiente onde mantém sempre parte do rebanho, criado com intenção de ganhar o mundo. “A conquista do *status* de livre de febre aftosa sem vacinação pelo Paraná será um marco. Sou integrante de uma cooperativa de Guarapuava, que está construindo um frigorífico para ter número de Serviço de Inspeção Federal (SIF) e exportar somente novillo precoce, com preço diferenciado”, comenta.

## Barro e poeira

Para o Paraná chegar ao nível de sanidade atual, com destaque da produção de proteínas animais, incontáveis vezes fiscais agropecuários tiveram que domar jipes e fuscas para ficarem dentro das estradas lamacentas da ainda embrionária malha rodoviária estadual. Na década de 1970, o Estado contava com 2.056 quilômetros de estradas, sendo apenas 793 quilômetros pavimentados. Hoje, são mais de 16 mil quilômetros de rodovias federais e estaduais existentes, com um total de 14,1 mil quilômetros pavimentados, segundo informações do Sistema Rodoviário Estadual, do Departamento de Estradas e Rodagem (DER).

Além dos atoleiros, a ausência de geladeiras nas propriedades rurais era outro obstáculo, já que obrigava o produtor a comprar vacinas e aplicar imediatamente no rebanho. As vacinas precisavam (precisam até hoje) ser mantidas refrigeradas para que não perdessem a eficácia. Como as estradas tornavam o acesso difícil, era preciso uma caixa de isopor com gelo para a vacina chegar na temperatura correta na propriedade após uma viagem cheia de solavancos, que poderia durar um dia inteiro. Era mais um empecilho ao manejo dos animais.

O médico veterinário Ronei Volpi, hoje diretor-executivo do Fundo de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Paraná (Fundepec), coordenava o núcleo de defesa agropecuária do Sudoeste do Paraná nos anos 1970. O profissional aponta o quanto esse pontapé inicial foi crucial para o Estado seguir em uma trajetória consistente de desenvolvimento do sistema de vigilância sanitária. “Hoje, a cadeia produtiva só está preparada para conquistar o *status* de livre de febre aftosa sem vacinação porque foram feitos esforços por inúmeras pessoas. Muitas dedicaram suas vidas à construção do sistema sanitário mais robusto do Brasil atualmente”, enfatiza.

Na época, houve um trabalho de mudança de cultura entre os produtores, já que as primeiras vacinas tinham uma qualidade inferior às utilizadas hoje. “As características da cadeia produtiva do Estado no início dos anos 1970 eram totalmente diferentes. Muitos animais eram usados para tração. Em alguns casos, a vacina tinha como efeito colateral o surgimento de abscessos que inutilizavam o animal para o trabalho por um período. A evolução das vacinas e a mudança no perfil da produção agropecuária foram muito grandes. Hoje temos uma produção de ponta, com as tecnologias mais avançadas do mundo para atender aos mercados mais exigentes”, resume Volpi.



Deni Schwartz é pecuarista desde 1972, em Nova Prata do Iguaçu

### Década de 1970

Tem início o programa de profilaxia e controle da febre aftosa de modo mais contundente, com o Grupo Executivo de Combate à Febre Aftosa (Gecofa).

### 1979

Evolução até aqui é cercada de grandes desafios, com a cadeia como um todo enfrentando poeira e barro, sem geladeiras para armazenar vacinas.

### A partir dos anos 1980

Investe-se em âmbito nacional na qualidade da vacina, no aperfeiçoamento das estruturas estaduais de defesa sanitária, aproveitando a base criada no Gecofa e a caracterização epidemiológica da doença.



## Fim da vacinação

Nesse aspecto, a principal conquista será o reconhecimento do Paraná como território livre de febre aftosa sem vacinação pela Organização Mundial da Saúde Animal (OIE). Autorizado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), o Estado promoveu o que deve ter sido a última campanha de vacinação contra a doença em maio de 2019. Há ainda alguns outros passos para serem cumpridos nesse processo (confira na página 15). A declaração da nova condição sanitária deve sair em maio de 2021, na assembleia geral anual da instituição, em Paris, na França.

A conquista é importante para que o agronegócio paranaense tenha acesso a novos mercados. Hoje, os países que pagam mais pela carne exigem que o local de origem seja livre de febre aftosa sem vacinação. Isso não apenas para a carne bovina. Por ser uma doença de fácil transmissão, o mundo vê o fato de um território não vacinar seu rebanho como reflexo de um sistema sanitário robusto e ágil no controle de possíveis emergências. Portanto, a obtenção da condição sanitária diferenciada irá abrir diversas portas. Por exemplo, os japoneses pagam até 20% a mais no preço praticado hoje no suíno paranaense. Porém, atualmente o Paraná não consegue sentar à mesa de negociação com a nação asiática por vacinar seu rebanho bovino.

## Sanidade do terceiro milênio

O período mais recheado de “títulos” para o time da sanidade agropecuária do Paraná é, sem dúvida, dos anos 2008 para cá (veja na linha do tempo das páginas 10 a 15). O Paraná se firmou como um grande *player* na produção e nas exportações. O agronegócio do Estado é respeitado não só em volume, já que lidera o setor de aves, mas também por ter um rebanho extremamente importante em qualidade genética e em sanidade.

Para o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, não existe um único responsável pelo Paraná Livre de Aftosa, mas milhares de pessoas envolvidas. “O trabalho para chegarmos ao ponto de fazermos a última campanha de vacinação e obtermos esse novo *status*, que irá refletir em mais emprego e renda para o Paraná, vem de décadas de muito suor”, enfatiza. “Temos orgulho de ver que o produtor, as empresas, o governo e as demais entidades envolvidas entenderam que sem sanidade não se chega a lugar nenhum. O Paraná é exemplo de mobilização, e isso será replicado em outros Estados”, completa.

1990

Passa a ser obrigatória a vacinação com vacinas potencializadas de longa imunidade e a vacinação passa a ser semestral, em abril e outubro.

1994

Resolução 181 de 1994 determina o uso da vacina somente com adjuvante (ver mais na pag. 15) oleoso, o que confere grande avanço na qualidade do medicamento utilizado.

1994

É criada a Organização Mundial do Comércio (OMC), que até hoje tem um papel crucial para arbitrar questões polêmicas nas relações comerciais entre os países.

## Formação

O SENAR-PR, desde sua fundação, no início dos anos 1990, trabalha em prol da formação de produtores e trabalhadores rurais. Na área de pecuária de corte, atualmente, são oferecidas diversas formações específicas, como sobre casqueamento, manejo e inseminação artificial. Na

pecuária de leite, há cursos na área de boas práticas, ordenhadeiras, manejo, qualidade do leite, entre outros. Além disso, a instituição disponibiliza formações em áreas correlatas, como o Programa Empreendedor Rural, Mulher Atual e Herdeiros do Campo. Para saber mais sobre as capacitações, basta procurar o sindicato rural ou um dos escritórios regionais do SENAR-PR.

## Mobilização nacional colaborou com o processo

Na década de 1980, os sistemas sanitários do Brasil e do Paraná passaram por importantes conquistas. Nessa época, Onésimo Locatelli, hoje aposentado, era um dos médicos veterinários que atuava na região Sudoeste, nos municípios de Capanema, Planalto e Pérola D'Oeste. Lá atrás, o Sudoeste já era um destaque na produção de suínos e, juntos, os três municípios tinham em torno de 15 mil propriedades rurais. “Naquela época, a suinocultura do Paraná era concentrada sobretudo no Sudoeste. Só que não havia indústrias para o processamento. Se vendia o animal vivo para frigoríficos, principalmente do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais e São Paulo”, comenta.

Outro aspecto interessante vivenciado por Locatelli foi a onda migratória de famílias de produtores do Sudoeste do Paraná para outras regiões do país, como Mato Grosso e Goiás, e também para o Paraguai. “Tínhamos que examinar os animais de criação para liberar ou não as mudanças. O mais interessante era o padrão: quatro ou cinco filhos, polaquinhos, o casal ia na frente no caminhão e as crianças na carroceria. A mudança era um guarda-roupa, um fogãozinho à lenha, roupas, duas vacas, três cachorros, alguns porcos e galinhas. Cabia tudo em um caminhão Mercedes. Foi um movimento migratório impressionante”, recorda.

Silmar Pires Burer, médico veterinário aposentado da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab), ocupou, durante boa parte da carreira, funções de gerenciamento e coordenação no sistema sanitário paranaense. Na década de 1970, os programas sanitários formaram uma in-

fraestrutura sólida. A partir dos anos 1980, investiu-se, em âmbito nacional, na qualidade da vacina, no melhoramento de diagnósticos e no aperfeiçoamento das estruturas estaduais de defesa sanitária. “A partir do momento em que ocorre a caracterização epidemiológica, você quebra a sazonalidade dos focos. As campanhas passaram a ser estruturadas, com mais Estados vacinando e trânsito controlado. Tudo isso não permitia que a doença se espalhasse tão facilmente”, detalha.

Os anos 1990 foram um período de ouro na mobilização do campo paranaense, segundo Burer. Não à toa, o número de casos chegou a zero em 1996 (veja o gráfico na página 13). “Foi realmente um momento extraordinário, com a organização do Plano Nacional de Erradicação da Febre Aftosa (PNEFA), o Elisa Teste, que deu maior dinâmica à detecção de possíveis focos. As vacinas, por sua vez, ganharam uma dimensão profunda. E junto a tudo isso, uma organização muito grande do setor produtivo, com a criação do Fundepec e a realização de fóruns, como os realizados recentemente”, avalia.

Nos meses de maio e junho deste ano, com apoio da FAEP e outras entidades do setor, a Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar) realizou uma rodada de seis Fóruns Regional Paraná Livre de Febre Aftosa Sem Vacinação. Os encontros levaram informações técnicas, tiraram dúvidas e promoveram o debate sobre os próximos passos a serem adotados pelo Estado para a obtenção do *status* de área livre de febre aftosa sem vacinação. Os eventos reuniram milhares de produtores e lideranças rurais nas regiões de Paranaíba, no Noroeste; Cornélio Procópio, no Norte; Guarapuava, no Centro-Sul; Pato Branco, no Sudoeste; Cascavel, no Oeste; e na capital Curitiba.

1995

Com a participação decisiva do Sistema FAEP/SENAR-PR na mobilização da cadeia produtiva, é criado o Fundo de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Paraná (Fundeppec).

1995

Ocorrem casos de febre aftosa no Oeste do Paraná na suinocultura, com uma ação rápida de controle e erradicação da doença com o auxílio do sistema veterinário oficial.

1997

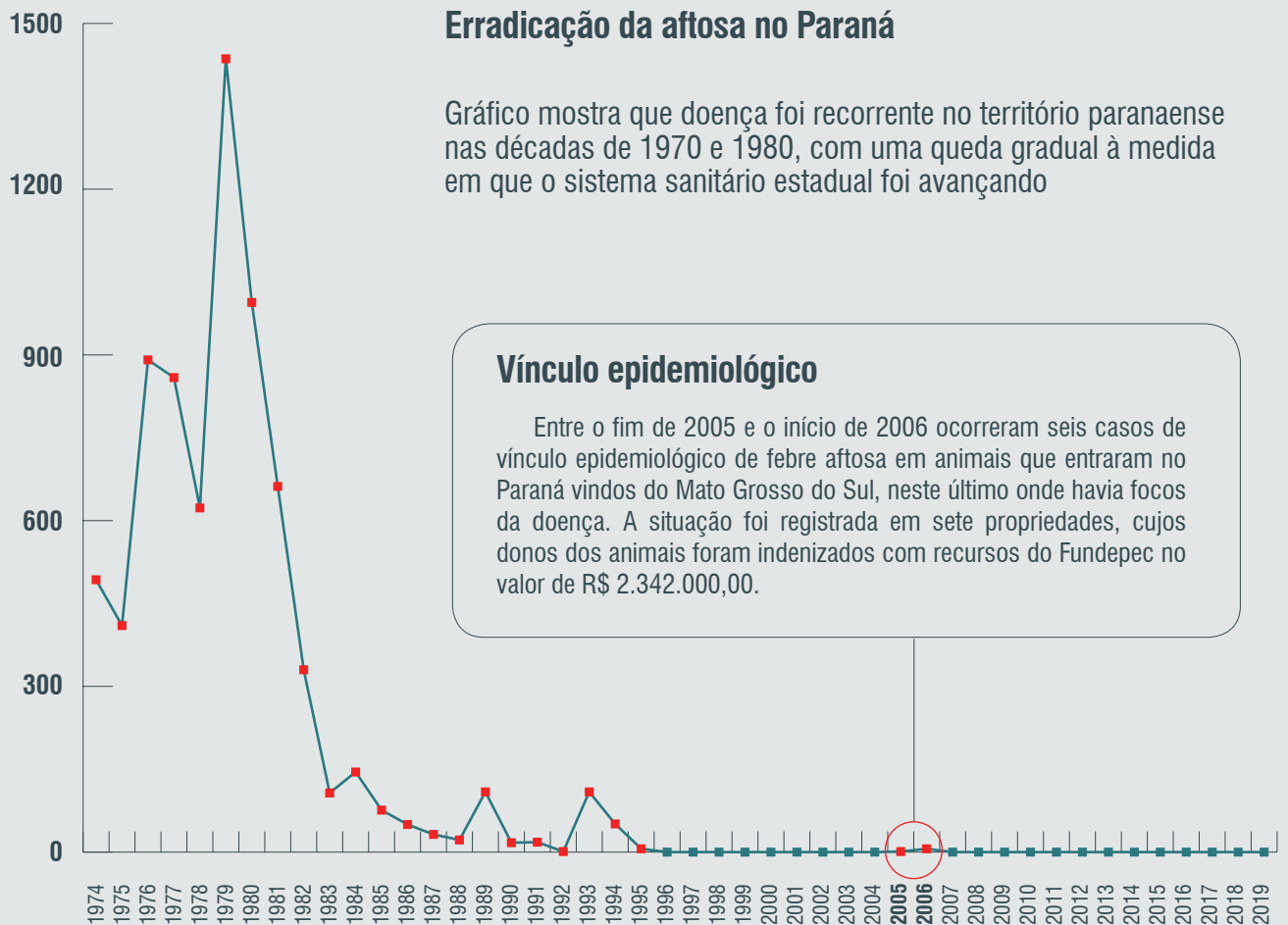
Criação do Conselho Estadual de Sanidade Agropecuária (Conesa), por meio do decreto 3.433 de 1997.

1998

Entra em vigor a Resolução 87 do governo estadual, que normatiza as campanhas de vacinação para os meses de maio e novembro para seguir o mesmo calendário do Centro-Oeste brasileiro.

*“Temos orgulho de ver que o produtor, as empresas, o governo e as demais entidades envolvidas entenderam que sem sanidade não se chega a lugar nenhum”*

**Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP**



Fonte: Adaptar e Sistema FAEP/SENAR-PR.

**1999**

É realizado um inquérito soro-epidemiológico visando reconhecimento de área livre de febre aftosa com vacinação.

**1999**

Também é iniciado o movimento da criação dos Conselhos Sanitários Agropecuários regionais, com a participação do Sistema FAEP/SENAR-PR. Ideia inspirada no modelo francês trouxe uma fase áurea à mobilização dos produtores paranaenses.

**1999 e 2000**

FAEP, Ocepar e Fetaep avalizam sistema sanitário do Estado e se responsabilizam por indenizar produtores caso ocorresse uma situação de emergência.

**2000**

Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) reconhece Paraná como área livre de febre aftosa com vacinação.

## Criação do Fundepec como chave no processo

“A primeira coisa que fiz quando estava na secretaria foi chamar as instituições representativas do campo, FAEP, Ocepar e Fetaep. Eles disseram que a questão sanitária era prioridade e que participariam das ações necessárias para fortalecer esse aspecto. Então, o que fizemos foi trazer a iniciativa privada para dentro do processo. Quem faz a sanidade acontecer são em grande parte as instituições privadas”, lembra o ex-secretário de agricultura no período 1998 a 2001, Antônio Poloni, hoje assessor da presidência da FAEP.

Então, inspirado em sua vivência na França, Poloni propôs a criação dos Conselhos Sanitários Agropecuários (CSAs), espalhados pelo território paranaense de modo a proporcionar agilidade na contenção de possíveis problemas. “Criamos um sistema de ponto focal, com capacidade de ação muito rápida. Antes de 2000 já tínhamos 150 CSAs criados. Essa mobilização ajudou o governo estadual a ter força para avançar com consistência”, pontua.

Em 2000, quando Poloni estava à frente da secretaria, ocorreu um dos marcos mais significativos: o reconhecimento do Paraná como área livre de febre aftosa com vacinação pela OIE. “No entanto, era necessário ter recursos que garantissem que, em caso de foco de febre aftosa, haveria dinheiro para indenizar produtores e eliminar o problema. O Estado não dispunha desses recursos. Coube à FAEP e à Ocepar serem praticamente os fiadores do Paraná. Foi uma estratégia de ousadia e de visão à frente no tempo”, lembra Silmar Burer.

Nessa mesma época ocorreu uma ação contundente para atingir a vacinação plena: a captação de um fundo para compor o Fundepec. A proposta foi recolher R\$ 1 por cabeça para compor uma poupança, caso constatada alguma emergência sanitária. “Assim, garantimos a tranquilidade para o produtor notificar, pois seria devidamente indenizado. Além disso, tiramos a incumbência de gerenciar esse processo do órgão público, pois esse procedimento precisa ser ágil”, explica Poloni.

Em 2005, o Fundepec indenizou produtores num caso de vínculo epidemiológico de aftosa de animais vindos do Mato Grosso do Sul. Na ocasião, os bovinos foram sacrificados e os seus sete proprietários indenizados em mais de R\$ 2,3

milhões com recursos do Fundepec. “Não houve a doença na sua forma clínica e não houve isolamento viral. Foram feitos todos os procedimentos recomendados pelo Mapa e a OIE. Na sequência, foram feitas as sorologias necessárias para demonstrar que não havia qualquer circulação viral no Paraná”, enfatiza Burer. “Em 2008, então, nós recuperamos a condição junto à OIE”, relembra.



Onésimo Locatelli se formou em medicina veterinária na UFPR

### Entre 2000 e 2001

Produtor recolheu por animal vacinado um valor que foi destinado a indenizar produtores que porventura tivessem que sacrificar animais com aftosa.

### 2005

Ocorre aftosa no Mato Grosso do Sul, com ocorrência por vínculo epidemiológico no Paraná. Os bovinos com problema foram sacrificados e os sete proprietários foram indenizados com recursos do Fundepec no valor de R\$ 2,3 milhões, seguindo todos os procedimentos recomendados pelo MAPA e OIE.

### Em 2008

Recuperação da condição de livre de aftosa com vacinação junto à OIE.

### 2009

Resolução 38 de 2009 alterou a estratégia de vacinação do Paraná, sendo que a partir de então bovinos e búfalos passaram a ser vacinados uma vez por ano em novembro, e até dois anos em maio e novembro.

## O que são adjuvantes?

São compostos que fazem parte das vacinas e ajudam a dar mais eficiência na resposta imunológica do organismo imunizado. Um dos maiores avanços nas vacinas está justamente na descoberta de adjuvantes melhores, que potencializaram a eficácia das vacinas.

## Os próximos passos até o novo status

### Ainda em 2019

O Paraná deverá receber a autorização do Mapa para suspender a vacinação a partir da etapa que seria realizada em novembro e, concomitantemente, proibir a entrada de animais vacinados no território estadual.

### Maio de 2020

Após um ano da suspensão da vacinação do rebanho, deverá ser feito um inquérito sorológico para constatar se há ausência de circulação viral no território paranaense.

### Setembro de 2020

Mapa oficializa a solicitação de reconhecimento internacional da OIE ao Paraná como área livre de febre aftosa sem vacinação.

### Maio de 2021

Estando tudo dentro dos parâmetros técnicos exigidos, deve-se ter o reconhecimento durante a assembleia geral da OIE, realizada anualmente na última semana de maio.

## Como são feitas as vacinas?



Tudo começa com estudos sobre o causador da doença



Objetivo dessas pesquisas é chegar ao isolamento do organismo causador e observar como ele provoca a doença



Dessa forma, é feita a vacina com o causador inteiro ou em fragmentos, inativado ou atenuado (enfraquecido)



Quando entra em contato com o sistema imune do animal, a vacina provoca uma reação de proteção e faz o corpo aprender a combater a enfermidade para o caso de o organismo imunizado entrar em contato com o mesmo agente causador



Com a vacina pronta, começa uma fase intensa de testes (pode durar anos)



Os testes sempre começam com indivíduos adultos saudáveis, com observação de aspectos como resposta imunológica e possíveis efeitos colaterais



Caso seja confirmada a eficácia, o produto é liberado para que a vacina possa ser comercializada e aplicada



Depois que a vacina está em circulação, testes continuam para certificar a efetividade do produto

### Anos 2010

Ações seguem firme no sentido de fortalecer o sistema sanitário do Estado e atingir status de livre de aftosa sem vacinação.

### 2018

Mapa realiza auditorias e avalia que sistema sanitário do Paraná é o mais robusto do país.

### Maio de 2019

Foi realizada a última campanha de vacinação contra febre aftosa.

### Futuro

Confira os próximos passos para a obtenção do reconhecimento de área livre de febre aftosa sem vacinação pela OIE.

# Audiência pública: Paraná livre de aftosa sem vacinação

O processo de reconhecimento do Paraná como área livre de febre aftosa sem vacinação terá mais um evento envolvendo lideranças do setor, autoridades e pecuaristas. No dia 27 de agosto irá acontecer, a partir das 9 horas, uma Audiência Pública no plenarinho da Assembleia Legislativa do Paraná (Alep) sobre o fim da vacinação contra a doença.

O debate organizado pelo deputado estadual e presidente da Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural da Alep, Antônio Anibelli Neto, será o fechamento dos seis Fóruns Regional Paraná Livre de Febre Aftosa Sem Vacinação, iniciativa do governo do Estado em parceria com o Sistema FAEP/SENAR-PR e outras entidades do setor, que percorreram todas as regiões do Estado.

“Na Audiência Pública faremos um apanhado final, com a presença do governador e do secretário de agricultura”, destaca Anibelli.



Deputado Anibelli entregou ofício ao presidente da FAEP



## INFORME

Veja também no site  
[www.fundepecpr.org.br](http://www.fundepecpr.org.br)

### FUNDEPEC - PR | SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINDO 30/06/2019

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$			DESPESAS EM R\$			SALDO R\$	
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES		FINANCEIRAS/BANCÁRIAS
	1-13	14						
Saldo C/C	251,34	-	-	-	-	-	47,86	203,48
Serviços D.S.A.	403.544,18	-	-	138.681,09	542.225,27	-	-	-
Setor Bovídeos	8.444.549,48	278,44	-	45.014.879,03	-	2.341.952,64	-	51.654.264,73
Setor Suínos	10.323.319,02	2.210.606,80	-	4.653.277,03	-	192.156,99	-	16.995.045,86
Setor Aves de Corte	1.481.958,15	2.342.576,48	-	4.507.014,42	-	-	-	8.331.549,05
Setor de Equídeos	53.585,00	23.737,78	-	175.144,62	-	-	-	252.467,40
Setor Ovinos e Caprinos	123,76	-	-	17.167,56	-	-	-	23.006,17
Setor Aves de Postura	37.102,41	46.905,50	-	219.988,33	-	-	-	303.996,24
Pgto. Indenização Sacrificio de Animais*	-	-	-	-	-	141.031,00	-	(141.031,00)
CPMF e Taxas Bancárias	-	-	-	-	-	-	77.567,43	(77.567,43)
Rest. Indenização Sacrificio de Animais*	-	-	141.031,00	-	-	-	-	141.031,00
<b>TOTAL</b>	<b>20.744.433,34</b>	<b>4.624.105,00</b>	<b>141.031,00</b>	<b>54.726.152,08</b>	<b>542.225,27</b>	<b>2.675.140,63</b>	<b>77.615,29</b>	<b>77.482.965,50</b>
<b>SALDO LÍQUIDO TOTAL</b>								<b>77.482.965,50</b>

Ágide Meneguette  
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi  
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt  
Contadora | CO-CRC/PR-045.388/0-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.



## Estratégias alinhadas com a FAO

No dia 17 de julho, o representante da FAO no Brasil, Rafael Zavala, foi recebido pela diretoria da FAEP, na sede da entidade, para debater as prioridades na região Sul, principalmente após o acordo comercial ente Mercosul e União Europeia, que irá aumentar as exigências e concorrência entre os mercados. O representante estava acompanhado do assistente Gustavo Chianca, do representante da FAO no Paraná, Valter Bianchini, e do consultor nacional, José Roberto Borghetti.



## Formação de mobilizadores

Dezenas de mobilizadores dos sindicatos rurais do Paraná estiveram reunidos no CTA de Iporã, na última semana de junho, para dois eventos para a formação continuada promovidos pelo Sistema FAEP/SENAR-PR. Na ocasião, os colaboradores participaram das capacitações “Formação de Mobilizadores dos Sindicatos Rurais Patronais” e “Gestão de pessoas - comunicação e técnicas de apresentação”. No total, participaram mobilizadores de 12 sindicatos, além das auxiliares das regionais do SENAR-PR e do CTA de Iporã.



## Redução do ICMS na cafeicultura

O associativismo e o apoio dos municípios para a execução de projetos e aquisição de maquinários que viabilizem a cafeicultura permearam a reunião da Comissão Técnica de Cafeicultura da FAEP, no dia 16 de julho. Os 16 integrantes que estiveram presente no CTA de Iporã discutiram os impactos das geadas no início do mês, que causaram perdas de qualidade e produtividade. Ainda, a CT de Cafeicultura irá dar encaminhamento para a realização de um estudo sobre a necessidade de redução dos 12% de ICMS pago pelos produtores na entrega do café para outro Estado.



## Laranjeiras do Sul no Porto de Paranaguá

No dia 11 de julho, o Sindicato Rural de Laranjeiras do Sul, em parceria com a FAEP e a Cooperativa Coprossel, promoveu uma visita técnica de 46 produtores da região ao Porto de Paranaguá, para conhecer a logística de exportação dos produtos agropecuários.



# Badaladas londrinas

**O famoso sino Big Ben, em Londres, ajuda cidadãos e turistas a manterem a pontualidade britânica**

Símbolo máximo de Londres, o Big Ben completa 160 anos. A torre foi inaugurada no dia 31 de maio de 1859, junto ao Palácio de Westminster, às margens do Rio Tamisa. No entanto, a primeira vez que o sino de fato soou foi pouco depois, no 11 de julho do mesmo ano. A campânula pesa 13 toneladas, seu diâmetro é de 2,74 metros e sua altura é de 2,39 metros. Hoje, as badaladas do famoso sino ajudam que os cidadãos londrinos e turistas de todo o mundo mantenham a pontualidade britânica.

Ao contrário do que muitos imaginam, Big Ben não é o nome do prédio do Parlamento de Londres, nem da sua torre característica. Mas do sino de mais de 13 toneladas que nela se encontra. O nome oficial do sino é Great Bell, o do relógio, Great Clock e a torre



onde ele reside, Elizabeth Tower. Esta última foi rebatizada em 2012 para comemorar o Jubileu de Diamante da rainha Elizabeth II, uma comemoração ao aniversário de sessenta anos de coroação da rainha. Antes disso, a torre era conhecida apenas como Clock Tower. Ou seja, oficialmente o monumento é chamado de Elizabeth Tower, mas o nome Big Ben continua sendo o mais conhecido e popular entre os turistas.

Não há uma precisão com relação à atribuição do nome a esse sino, mas há duas especulações a respeito. A primeira delas se refere ao Ministro de Obras Públicas da Inglaterra do início do século XIX, Benjamin Hall, que coordenou a construção da Torre do Relógio. O nome do sino seria uma homenagem ao ministro, “Ben”, abreviatura de “Benjamin”. A segunda hipótese remete à figura muito apreciada do boxeador Benjamin Caunt, que, em virtude de sua altura e do seu desempenho no esporte, também era chamado de Big Ben.

De toda forma, o fato é que a Torre do Relógio e o famoso sino “Big Ben” foram incluídos no projeto original do prédio do Parlamento depois do incêndio que sua estrutura sofreu em 1834. Na época em que estava sendo reerguido o prédio, a empresa EJ Dent & Co encarregou-se de fabricar

o monumental relógio para ser posto na torre. E o sino, que permaneceria a ela associado, foi construído pela Whitechapel Bell Foundry.

O sino Big Ben foi badalado pela primeira vez no dia 11 de julho de 1859, exatamente onze dias após a inauguração da Torre do Relógio e da nova estrutura do prédio do Parlamento. Raramente o relógio parou de funcionar, mesmo quando Londres foi atingida por intenso bombardeio durante a Segunda Guerra Mundial.

## Silêncio do Big Ben

Para garantir que o relógio mais famoso do Reino Unido continue a funcionar por mais algumas centenas de anos, está sendo feito um extenso trabalho de manutenção, que inclui conserto dos ponteiros, mecanismo e pêndulo. O início das obras de restauração e conserto do relógio e da Torre se deu

nos primeiros meses de 2017, e a previsão é que termine somente em 2020.

Durante esse período, as famosas badaladas do Big Ben foram silenciadas, por motivo de segurança e saúde dos trabalhadores. Afinal, não deve ser nada agradável para os operários ouvirem um estrondo a cada hora durante todo o período em que estiverem trabalhando! Ainda sim, em algumas datas especiais, como na celebração do Ano Novo, o sino continua tocando normalmente.

A obra estimada em 61 milhões de libras não afetará somente o relógio, mas também a Torre, que atualmente apresenta rachaduras e vazamentos, além de corrosão no telhado e na estrutura que sustenta os sinos.

Será também instalado um elevador, para melhorar a acessibilidade para os que não conseguem subir os 334 degraus da escada em espiral que leva ao topo da Elizabeth Tower.



# SENAR-PR ajuda produtores na conquista de certificação inédita

Com o selo, produção de morango do município de Pinhalão consegue acessar mercados que pagam mais



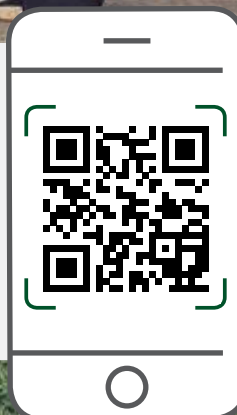
Assista ao vídeo da matéria no nosso site [sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br)



## CONFIRA O VÍDEO DA MATÉRIA

É fácil!

- Ligue a câmera do seu celular, aponte para o QR Code, acesse o link e assista;
- Caso não funcione, baixe um aplicativo leitor de QR Code.



O Paraná já pode comemorar mais uma conquista. A Staw Agricultura, empresa rural localizada no município de Pinhalão, no Norte Pioneiro, recebeu o primeiro selo oficial “Brasil Certificado: Agricultura de Qualidade” na Produção Integrada de Morango (PIMo) do Estado. O processo contou com o apoio do SENAR-PR, que, por meio do treinamento de produtores e técnicos, ajudou a difundir a nova tecnologia.

A Produção Integrada (PI) é uma alternativa ao sistema convencional, voltada principalmente ao uso racional na aplicação de defensivos químicos e promoção da sustentabilidade. Além disso, o método permite a rastreabilidade da produção agrícola na etapa primária da cadeia, o que confere ainda mais segurança aos alimentos. Na produção da Staw Agricultura, são utilizadas estufas metálicas específicas para o cultivo de morangos e um sistema de irrigação automatizado que evita o desperdício de água.

A produtora rural Ingrid Santos Souza, uma das proprietárias da empresa, recebeu a notícia em junho deste ano. Ainda, ela passou a ser a primeira mulher com certificação em PIMo do Brasil.

“Desde o começo queríamos uma produção diferenciada e segura, por meio de tecnologia e manejo eficientes. Como o mercado está mais exigente, o consumidor quer saber o que foi aplicado e como foi produzido. E com o selo, conseguimos um valor agregado a um produto que usa tecnologias e boas práticas”, destaca Ingrid.

A Staw Agricultura vende boa parte da produção para o interior de São Paulo, onde estão dispostos a pagar mais pelo produto.

## Capacitação

Outros produtores de morango de Pinhalão também estão modificando o processo produtivo em suas propriedades e aplicando medidas da Produção Integrada, com o objetivo de conseguir a certificação. Tudo com a participação ativa do SENAR-PR.

No município do Norte Pioneiro, foram realizados o curso de “Aplicação de Agrotóxicos” e a oficina de Manejo Integrado de Pragas (MIP) no morango. Para a professora e pesquisadora da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Maria Aparecida Zawadneak, que coordena o grupo técnico PIMo-PR e também ministrou a oficina em Pinhalão, a parceria com o SENAR-PR tem sido a razão da evolução da Produção Integrada no Estado.

“O Paraná não conseguiu a certificação antes por causa da grade de defensivos, que era muito restritiva. Hoje já temos o controle biológico com diversas opções para inúmeras pragas. Mesmo sem a certificação, o fato de o produtor adotar boas práticas difundidas pelo SENAR-PR, pela UFPR e pelos técnicos, mostra uma mudança de comportamento”, observa.

De acordo com a pesquisadora da UFPR, as mudanças nas tendências de mercado têm contribuído para o crescimento da demanda de produtos certificados. “A gente preconiza segurança alimentar, fruto de qualidade e melhor organização de vida para o produtor”, aponta.

A engenheira agrônoma do SENAR-PR Vanessa Reinhart reforça a importância que a Produção Integrada tem em termos de sustentabilidade, segurança e competitividade. “Com a certificação, existe a garantia para o consumidor de que é um produto seguro, sem resíduos, com rastreabilidade, produzido conforme as boas práticas agrícolas. Ainda, o produtor pode acessar mercados mais exigentes, dispostos a pagar mais por produtos nestas adequações”, esclarece.

Para a secretária de Agricultura de Pinhalão, Paulyene Souza, a nova conquista servirá de vitrine para os produtores da região. “Isso mostra que existem produtores com visão de sustentabilidade e que há a possibilidade de ter manejos sustentável e comercial com retorno econômico”, afirma.

## Certificação

O selo “Brasil Certificado: Agricultura de Qualidade” é fornecido pelo Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (Inmetro) para os produtores aprovados nas auditorias, conforme orientações e normas técnicas especificadas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

O primeiro passo é ter um responsável técnico, com habilitação em Produção Integrada na cultura. Responsável técnico em PIMo da Staw Agricultura, o engenheiro agrônomo Hugo Reis Vidal, especialista em hortifrúti, acompanhou o processo desde o início. “A Produção Integrada é o sistema mais seguro de produção de alimentos, tanto para o produtor quanto para a sociedade”, define.

Nas auditorias, são avaliados critérios como treinamentos dos trabalhadores, notas fiscais e receiptários agrônômicos dos produtos utilizados, recibos de embalagens vazias de agroquímicos, procedimentos dos cultivos, análise de solo e água, entre outros. Por fim, análises microbiológicas e de resíduos de agroquímicos em amostras do produto são realizadas. Se os resultados estiverem de acordo com as exigências, o Inmetro concede a certificação ao produtor.



Produção Integrada garante mais sustentabilidade

# Uma janela para a raiz

## Conjunturas econômica e produtiva indicam oportunidade para a mandioca brasileira ganhar espaço no mercado internacional

Por André Amorim

Mandioca de mesa, farinhas de vários tipos e fécula, que serve para diversas finalidades industriais. Poucos alimentos são tão versáteis quanto esta raiz, que ocupa posição central na cultura alimentar do brasileiro.

Por aqui produzimos muito. Somos o terceiro maior produtor mundial, com volume anual na casa dos 20 milhões de toneladas. Mas também consumimos bastante, de modo que sobra pouca coisa para exportar. Mas de tempos em tempos surgem janelas de oportunidade que fazem o setor voltar os olhos para o mercado internacional. O momento atual pelo qual passa a produção brasileira pode ser entendido como uma destas janelas, na visão de alguns representantes do setor. Desta maneira, concentrar esforços para abrir os caminhos no exterior pode ser uma boa estratégia.

As ações para transformar em resultados econômicos essa percepção de mercado foram discutidas em março deste ano, durante reunião da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Mandioca e Derivados, do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa). “Buscamos alguma forma de apoio para exportação, tendo em vista que não temos tradição nessa área. E alguns mecanismos que devem ser bem dimensionados para não serem confundidos com subsídios”, relata o presidente do Sindicato Rural de Paranavaí e vice-presidente da FAEP, Ivo Pierin, que participou da reunião.

Trata-se de uma tarefa importante, porém, difícil, uma vez que o mercado internacional da mandioca tem concorrentes ferozes, sendo o maior

deles a Tailândia. O país asiático tem grande influência no mercado asiático, onde a China se firma como maior demandante global destes produtos. Para se ter ideia, segundo a Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC), em 2018 o Brasil exportou pouco mais de 4,5 mil toneladas de fécula (e importou outras 9,5 mil toneladas). Neste mesmo período, os tailandeses mandaram para o exterior quantidade superior a 2,8 milhões de toneladas do produto, 600 vezes mais que os brasileiros.

Além de produzir volume significativo, a Tailândia não consome mandioca internamente, de modo que a produção

é praticamente voltada à exportação. “O clima [na Tailândia] é semelhante ao daqui. O diferencial é o custo da mão de obra, que no Brasil é um gargalo. Além disso, eles têm um controle governamental de plantio, de modo que conseguem definir melhor as políticas agrícolas de longo prazo”, observa o pesquisador do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) Fábio Isaias Felipe.



# 21

milhões de toneladas de mandioca foram produzidas pelo Brasil, atrás da Nigéria e Tailândia

Apesar da pujança nas exportações, a Tailândia não é o maior produtor mundial. De acordo com dados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), este posto cabe à Nigéria. Em 2018, a produção do país africano totalizou de 57,1 milhões de toneladas. Porém, assim como nós, os nigerianos consomem praticamente toda produção internamente. Na sequência vem a Tailândia, com 31,1 milhões de toneladas, e o Brasil, com 21 milhões de toneladas.

## Desafios

Estar entre os três maiores produtores poderia indicar alguma vantagem competitiva automática na briga por

mercados internacionais. Mas, dificuldades internas em organizar esta cadeia dificultam o avanço do setor nas exportações. “[No Brasil] não temos constância e estabilidade na produção nem no preço. O setor da mandioca precisa ser organizado para que a gente consiga ter uma harmonia. Às vezes, o preço está muito baixo e o produtor não consegue plantar novamente. Ou o preço está muito alto e o consumidor migra para outros amidos. Precisamos equalizar produção e consumo”, observa o presidente da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Mandioca e Derivados do Mapa, Osvaldo Zanqueta.

Desta forma, a reunião realizada em março pode ser um passo importante para organizar o setor. “O nosso produto é bem superior ao tailandês, por isso pedimos um canal com a ministra [da Agricultura] para certas negociações. Isso abriria o caminho para tentarmos fazer algumas negociações e colocar o nosso produto na China para ‘dar a cara a tapa’”, observa Zanqueta, apontando que este tipo de negociação entre dois países ocorre inicialmente no nível ministerial. “Acredito que se a gente conseguir mostrar nosso produto lá fora vamos ganhar esse mercado”, aposta.

Visão semelhante tem Pierin, da FAEP. “Hoje já existe exportação pequena de farinhas panificáveis, utilizadas para panificação sem glúten. Queremos ampliar isso. Normalmente, o Brasil produz o que consome. Mas em função de preços remuneradores nos últimos três anos, a produção aumentou em nível nacional. Por isso vejo como uma oportunidade para inserir o Brasil no mercado fornecedor”, avalia.

Nesta conjuntura, o atraso no plantio de milho nos Estados Unidos e a diminuição da produção de batata na União Europeia, segundo o dirigente, podem colaborar para o amido de mandioca ocupar o espaço aberto. “Temos um cenário de aumento de oferta, na área plantada e de demanda. Os preços no mercado internacional estão cerca de 30% mais altos do que um ano e meio atrás. Isso significa uma boa brecha. Mas tempos que ser ágeis para aproveitar essa oportunidade”, pondera.

## A balança comercial da mandioca brasileira

	Exportações (toneladas)	Importações (toneladas)
2010	5.984,10	14.818,81
2011	6.762,30	19.052,97
2012	7.262,22	12.206,41
2013	6.243,85	15.735,37
2014	5.976,90	23.616,96
2015	21.597,80	3.118,58
2016	13.381,98	11.175,16
2017	4.414,28	14.132,51
2018	4.577,80	9.507,46

Fonte: Secretaria de Comércio Exterior - Secex (2019)

Segundo dados do Cepea, a área plantada no Brasil passou de 1,4 milhão de hectares em 2016 para mais de 2 milhões de hectares em 2018. No Paraná, a área passou de 148 mil hectares para 152 mil hectares no mesmo período de tempo.

Já a produção não acompanhou a expansão da área. Isso pode se explicar pela possibilidade da cultura ter um ou dois ciclos anuais. Em 2016, o volume brasileiro da raiz ficou em 21 milhões de toneladas, contra 19,3 milhões em 2018. No Paraná foram produzidos 3,8 milhões de toneladas e 3,4 milhões nos mesmos anos.

A fécula, um dos principais produtos da mandioca, também acompanha este movimento. O Paraná concentra a maior parte das fecularias do país, dando um destino diferente à sua produção da raiz, em comparação ao Nordeste, por exemplo, onde a destinação maior é para as fábricas de farinhas.

Entre 2016 e 2017 o volume produzido nas fecularias brasileiras caiu de 616,2 toneladas para 404,5 toneladas. Neste intervalo, o preço da tonelada do produto aumentou de R\$ 2.132,75 para R\$ 2.851,93.

## Consumo exterior envolve questão cultural

Na opinião de especialistas, porém, a introdução da nossa mandioca no mercado internacional ainda deve levar tempo. “Vejo como um trabalho de médio prazo. Não é tão simples substituir um outro produto pela mandioca. Tem que haver pesquisa. Isso não acontece imediatamente”, observa o analista de mercado da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) Adonis Boeckmann. “Substituir o amido de batata pelo de mandioca pode interferir nas características do produto, como cor, textura, sabor e aroma”, avalia.

Da mesma forma, a introdução de novos produtos também depende de um tempo de adaptação do mercado consumidor. “Lembra de produtos alimentares orientais, como Goji berry e outras, quanto tempo levou para serem introduzidas no hábito dos brasileiros? Você pode criar mercados consumidores, mas leva certo tempo”, finaliza.

## Procura por alimentos saudáveis favorece produto

Soma-se à conjuntura produtiva da mandioca a tendência de consumo de produtos mais saudáveis, sem glúten, como o caso dos derivados de mandioca. Diferente de outras farinhas, a farinha de mandioca pode ser utilizada na dieta de pacientes com doença celíaca (intolerantes ao glúten) ou alérgicos.

Em 2018, pela primeira vez, o Brasil recebeu a Feira Internacional da Mandioca (Fiman), realizada em Paranavaí, na região Noroeste. Na ocasião foi possível apresentar nossos produtos para compradores internacionais. A recepção foi positiva, segundo o dirigente do Sindicato Rural do município, Ivo Pierin. “Eles têm muito interesse no nosso pão de queijo, que é um pão sem glúten, e outros produtos de mandioca”, avalia.

Além disso, trata-se de um alimento rico em ácido fólico, sendo altamente recomendável para a alimentação de gestantes, vitaminas (C, K e complexo B), fibras e potássio. A raiz também possui ação anti-inflamatória e antioxidante.





# Segunda etapa do CBN Agro aborda transformação digital

Depois de palestras com Xico Graziano, especialista Fernando Martins conduz novo ciclo sobre a tecnologia no campo. Evento tem apoio da FAEP

Produtores rurais de todas as regiões do Paraná poderão participar, durante o mês de agosto, de uma nova rodada de palestras do CBN Agro 2019 (veja no quadro ao lado). Depois de um ciclo de oito encontros com o professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Xico Graziano, ocorrido em abril, agora o palestrante Fernando Martins irá tratar dos desafios impostos ao agronegócio do futuro. A iniciativa chega a sua terceira edição em 2019 com o apoio da FAEP.

Martins irá levar aos participantes do evento um panorama completo sobre o papel das transformações da tecnologia no meio rural. “Em outros setores da economia, temos alguns aplicativos de transporte individual ou de hospedagem que fazem essa mudança tecnológica ser bastante perceptível. Mas na agricultura ainda não temos isso de forma tão clara. Então já começamos por aí, precisamos falar sobre o que é de fato essa transformação digital no agronegócio”, antecipa o especialista em inovação.

O palestrante reforça que, quando se fala em tecnologia, é comum associar a aplicativos e produtos utilizados dentro da porteira. Mas, segundo ele, é preciso analisar a tecnologia para o agronegócio em um contexto mais aprofundado. “Antes e depois da porteira também temos muita tecnologia, desde a contratação de crédito e seguro agrícola, a compra de insumos, a comercialização da produção e uma série de outras atividades. Há toda uma jornada do produtor envolvida quando se fala em transformação digital”, avalia.

Nesse sentido, na avaliação de Martins, o produtor rural brasileiro sai na frente por ser um entusiasta da inovação no campo. “Aqui no Brasil, os produtores são muito permeáveis à inovação. Em média, produtores são mais jovens, pessoas interessadas que veem resultado quando aplicam tecnologia. O produtor brasileiro é muito curioso, é profissional, ele se preocupa em como essa tecnologia tem um impacto no final”, elogia.

Para Martins, essa característica faz com que o Brasil seja um forte candidato a liderar a “digitalização” do agronegócio mundial. “O produtor brasileiro pode ter orgulho de ser pioneiro e líder mundial dessa transformação digital, de conseguir uma diferenciação ainda maior para nossa agricultura. É inevitável, as forças econômicas vão forçar essa transformação e nós estamos bem posicionados para liderar esse processo do ponto de vista global”, projeta.



No primeiro ciclo, o palestrante foi Xico Graziano

## Confira as datas e locais dos eventos

Datas	Cidades	Locais
12/08	Campo Grande	Sindicato Rural
19/08	Guarapuava	Vittace
20/08	Ponta Grossa	Bourbon Hotel
21/08	Londrina	Parque de Exposições
22/08	Maringá	Auditório Cocamar
26/08	Cascavel	Auditório ACIC
27/08	Toledo	Auditório Ass. Primato
28/08	Umuarama	Parque de Exposições
29/08	Campo Mourão	Hotel Paraná Palace

Fernando Martins atua na área de inovação tecnológica e tem mais de 20 anos de experiência em desenvolvimento de novos produtos em empresas de tecnologia. Atualmente, Fernando é membro eleito do conselho do Centro de Inovação no Agronegócio (CIAg) e CEO da AgroTools, empresa que há 10 anos conecta os atores do agronegócio, implementando a federação, curadoria e análise de dados necessários para a extração e entrega de *insights* para seus clientes.

# PER ajuda produtor a migrar de atividade com segurança

A partir do programa do SENAR-PR, Cléverson dos Santos planejou a mudança da produção de fumo para a hortifrútis



Nas próximas semanas, Santos deve colher 15 mil pés de repolho



Produtor planeja investir na alteração do sistema de irrigação



Horta da família foi iniciada há quatro meses

O produtor rural Cléverson dos Santos, de 32 anos, ainda não concluiu o Programa Empreendedor Rural (PER), mas a iniciativa já foi decisiva em sua vida como homem do campo. As aulas forneceram instrumentos para que ele pudesse migrar de atividade, da produção de fumo para a hortifruticultura, com total segurança. Com maior planejamento e controle de seu negócio, o produtor deixou as dívidas para trás e já projeta crescimento.

Santos havia ingressado na fumicultura 16 anos atrás, na localidade de Faxinal dos Galvão, em Imbituva, no Centro-Sul do Paraná. Começou sua lavoura em uma pequena área de 2,4 hectares, cedida pelo sogro. Há seis anos, conseguiu comprar sua propriedade, de 12 hectares. Apesar disso, o negócio não decolava. A cada safra, o produtor só conseguia fazer o plantio recorrendo a financiamentos. O dinheiro que levantava mal dava para pagar as dívidas.

# Memória do Campo



“Minha família não tinha bem-estar. Terminava uma safra de fumo, já tinha que tirar empréstimo para começar a outra lavoura. A gente não tinha renda”, recorda Santos.

A mudança começou com o novo olhar, consolidado a partir do PER. Santos passou a estudar a viabilidade de abandonar a fumicultura e migrar para a produção de verduras e frutas. Fez uma prospecção e encontrou potenciais compradores, como um supermercado de Ibituva. Há quatro meses, deu o passo definitivo: encerrou a lavoura de fumo e começou sua horta. O produtor rural, agora, já vê boas perspectivas.

A cada dia, ele e a esposa plantam, em média, mil pés de verduras, como repolho, brócolis, salsinha, cebolinha e alface. Santos também planeja vender o antigo caminhão – que era necessário à entrega do fumo – e comprar uma caminhonete. Com o dinheiro que sobrar, quer investir na ampliação da horta. Nas próximas semanas, a família deve colher o primeiro lote de produtos: 15 mil pés de repolho, que serão entregues a um mercado.

“O PER mudou a forma como eu vejo as coisas. Hoje, enxergo a propriedade como uma empresa e já miro no futuro”, define Santos. “O programa ajudou a planejar essa mudança. Está sendo excelente. Se não fosse o PER, a gente estaria insistindo na fumicultura e fazendo dívida. Agora, temos boas perspectivas”, completa.

O próximo passo de Santos é mudar a modalidade de irrigação de sua horta. Hoje, as verduras são irrigadas por aspersão, mas o produtor pretende implantar um sistema de gotejamento – mais adequado a sua produção. Além disso, ao fim do inverno, a família deve diversificar ainda mais as verduras produzidas.

“Minha esposa tinha medo de nós migrarmos. Mas nos endividamos com o fumo e o PER ajudou a ter certeza de que o único recurso era migrar. O setor de hortifrutis tem um pagamento a curto prazo, que ajuda a gente a se planejar melhor”, aponta Santos.

## Programa

Lançado há 16 anos por meio de uma parceria do Sistema FAEP/SENAR-PR com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-PR) e a Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores Familiares do Estado do Paraná (Fetaep), o PER tem uma metodologia voltada a desenvolver e estimular o espírito empreendedor no produtor rural.

O programa corresponde a um curso ministrado ao longo do ano, no qual os participantes aprendem a construir um projeto de negócio, levando em conta todas as variáveis que podem influenciar sua atividade. Desta forma, esses empreendedores descobrem seu lugar no mercado, a concorrência que enfrentarão, os caminhos para a comercialização, dentre outros pontos que fazem a diferença entre o sucesso e o fracasso de uma empreitada. Desde que foi criado, o programa já capacitou mais de 28 mil pessoas, que a partir desta experiência passaram a olhar de outra forma para seus negócios rurais.



## Lei Kandir

Não é de agora que a Lei Kandir está sob ameaça. Criada em 1996, a lei, que isenta de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) as exportações de produtos primários, esteve outras vezes sob ataque. Há 18 anos, na edição publicada em 4 de junho de 2001, o Boletim Informativo trouxe na manchete uma matéria que alertava que “Governadores querem mais uma vez derrubar a Lei Kandir”.

Na ocasião, o presidente da FAEP, Ágide Meneguette, denunciou a ofensiva de governadores das regiões Norte e Centro-Oeste, além do governador do Rio Grande Sul, contra a Lei Kandir. Uma das sugestões era tributar alguns produtos, como a soja, e repassar a arrecadação desses impostos aos Estados.

Na ocasião, Meneguette apontou que a Lei Kandir colocou os produtos do agronegócio em pé de igualdade com industrializados. “Os resultados foram fantásticos, como se pôde verificar pelo aumento da produção da soja e de outros produtos exportáveis”.

Hoje, quase duas décadas depois, a Lei Kandir continua no alvo, agora do governo federal. O ministro da Economia, Paulo Guedes, manifestou a intenção de revogar a lei ou impor algum tipo de tributação sobre os produtos agropecuários. Recentemente, o Boletim Informativo trouxe uma nova reportagem que mostrava que o fim da Lei Kandir colocaria o agronegócio em colapso.



CAMPINA DA LAGOA

### BÁSICO EM MILHO

Nos dias 2 e 3 de maio, o Sindicato Rural de Campina da Lagoa promoveu o curso “Produção Artesanal de Alimentos - Beneficiamento e Transformação Caseira de Cereais - Básico em Milho”. A capacitação com o instrutor Sergio Kazuo Kawakami reuniu 13 pessoas.



CASCAVEL

### TRABALHO EM ALTURA

Nos dias 28 e 29 de maio aconteceu o curso “Trabalhador na Segurança no Trabalho - NR 35 - Trabalho em Altura – Agroindústria”, promovido pelo Sindicato Rural de Cascavel e a empresa Globoaves. O instrutor Josias Batista de Barros treinou 10 alunos.



MARINGÁ

### COLHEDORA AXIAL

O instrutor Newton Cardoso da Silva ministrou as aulas do curso “Trabalhador na Operação e na Manutenção de Colhedoras Automotrizes - Colhedora Axial - NR 31.12”, durante a Expoingá 2019, entre os dias 13 e 17 de maio. O Sindicato Rural de Maringá foi o responsável pela organização do evento que reuniu sete pessoas.



ANDIRÁ

### PER

Desde o dia 3 de junho, o instrutor Gumerindo Fernandes da Silva Junior está ministrando as aulas do curso “Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris - Programa Empreendedor Rural”, organizado pelo Sindicato Rural de Andirá. Um grupo de 20 pessoas irá assistir as aulas até dia 14 de outubro.



PARANACITY

## OPERAÇÃO DE DRONES

Entre os dias 10 e 12 de junho, oito alunos participaram do curso “Trabalhador Volante da Agricultura - Agricultura de Precisão - Operação de Drones”. O evento foi promovido pelo Sindicato Rural de Paranacity e as aulas ministradas pelo instrutor Mauro Cesar Volponi dos Santos.



MARIALVA

## PRIMEIROS SOCORROS

Nos dias 10 e 11 de junho aconteceu o curso “Trabalhador na Segurança no Trabalho - Primeiros Socorros”, organizado pelo Sindicato Rural de Marialva e a Prefeitura Municipal de Marialva. Um grupo de 15 pessoas participou das aulas com o instrutor Marcelo Silveira dos Santos.



NOVA LONDRINA

## APLICAÇÃO DE AGROTÓXICOS

O instrutor Claudécir Sebastião Prieto ministrou as aulas durante o curso “Trabalhador Volante da Agricultura - Operação de Equipamentos para Aplicação de Agrotóxicos - Pulverizador Costal Manual”, nos dias 13, 14 e 15 de junho. A capacitação para 10 pessoas foi organizada pelo Sindicato Rural de Nova Londrina.



PALOTINA

## BÁSICO EM MILHO

Um grupo de 12 pessoas participou do curso “Produção Artesanal de Alimentos - Beneficiamento e Transformação Caseira de Cereais - Básico em Milho”, realizado pelo Sindicato Rural de Palotina, nos dias 2 e 3 de maio. Na ocasião, a instrutora foi Sílvia Lúcia Neves.

# VIA RÁPIDA

## Azul felicidade

Segundo pesquisadores da Universidade de Boots, Reino Unido, homens e mulheres que são expostos à cor azul se sentem mais felizes e dispostos para realizarem suas tarefas. Talvez esteja aí a explicação das pessoas estarem tão alegres quando o céu está sem nuvens.

## A origem do *cookie*

Você sabia que o *cookie* foi inventado por acaso? Na década de 1930, a chef Ruth Wakefield tinha uma pousada nos Estados Unidos, onde servia biscoitos aos hóspedes cujas receitas incluíam cacau e chocolate moído. Um dia, na falta de cacau, ela adicionou pedaços de chocolate na expectativa que derretessem. Ainda bem que não derreteram! Graças a isso temos os *cookies*. Só por curiosidade, a pousada se chamava Toll House Inc e foi comprada pela Nestlé em 1939.

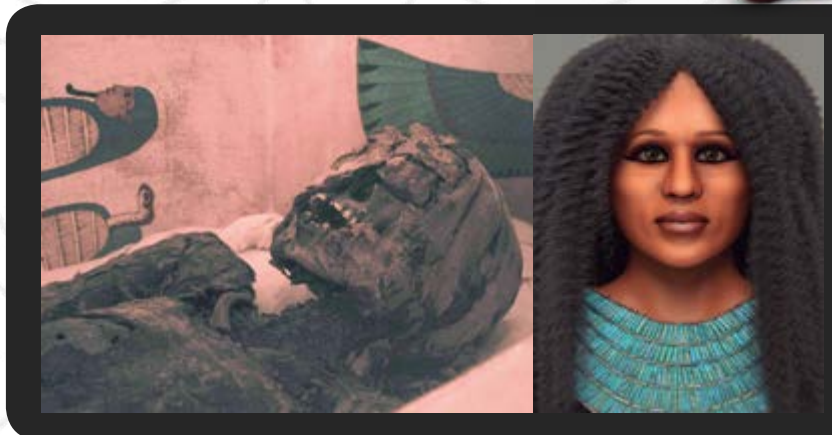


## Jubileu de diamante

O emblema criado para celebrar os 60 anos da Rainha Elizabeth II, em 2012, foi criado por meio de um concurso organizado pela emissora BBC. A vencedora foi uma garotinha de apenas 10 anos, chamada Katherine Dewar, de Chester. Nada mal para um começo de carreira.

## Formigas corretoras

De acordo com um estudo feito na Inglaterra, o formigueiro tem integrantes capacitadas para sair por aí e encontrar potenciais ninhos para a colônia. Nessa pesquisa, as formigas julgam aspectos como espaço e distância de outros formigueiros. Ao encontrarem o lugar perfeito, voltam para convencer as demais a fazer a mudança.





## Engenheiro Castor

Ao contrário da maioria dos animais, os castores não se adaptam ao meio em que estão inseridos. Ao contrário, eles o adaptam de acordo com as suas necessidades. São exímios engenheiros da natureza, podendo fazer represas e diques com troncos de árvores que eles próprios derrubam. Eles constroem suas tocas sobre a água usando madeira e barro e podem chegar a ter seis metros de diâmetro.

## Segurando vela

O termo vem lá da Idade Média, quando os criados mais novos usavam velas para iluminar seus senhores nos afazeres noturnos. Em muitos casos, eles eram obrigados a iluminarem os aposentos enquanto seus senhores namoravam. Por isso usamos a expressão para figurar a pessoa que está na companhia de um casal apaixonado.

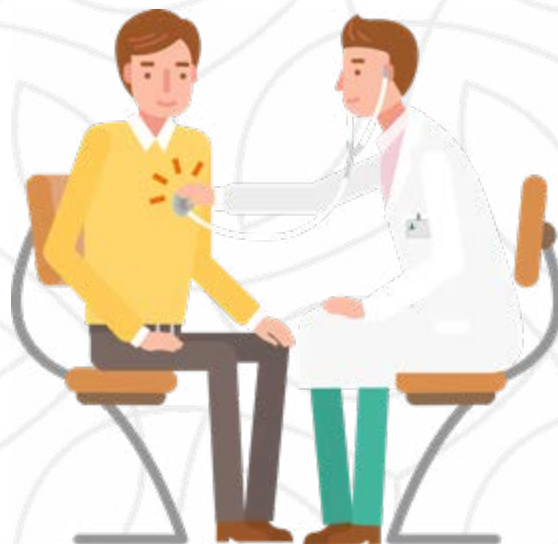


## Tothmea

Tothmea é o nome da única múmia egípcia exposta no Museu Egípcio e Rosacruz, em Curitiba, desde 1995. O artefato tem 500 anos a mais que Jesus Cristo. Os historiadores acreditam que ela seja uma cantora do templo da deusa Ísis. Com o incêndio no Museu Nacional no Rio de Janeiro, em setembro de 2018, que queimou grande parte do seu acervo, inclusive duas múmias, Tothmea passou a ser a única múmia egípcia em exposição no Brasil.

## Remédio para esperteza

- Doutor, eu queria que o senhor me desse um remédio para ficar esperto.
- Tome dois comprimidos destes por dia e volte daqui a uma semana.
- Uma semana depois:
- Doutor, acho que não fez muito efeito.
- Tome três deste outro comprimido diariamente e volte daqui uma semana.
- Na próxima semana:
- Olhe, doutor, eu sei que não fiquei mais esperto! O senhor tem certeza que este remédio não é bolinha de farinha?
- Ora viva! Começou a fazer efeito!



## UMA SIMPLES FOTO



# 7 motivos para parabenizar o produtor rural



É quem mais  
**preserva** a natureza;

**Segura** a economia  
do país;

**Puxa** o superávit  
do Brasil;

**Fomenta** a pesquisa  
e a tecnologia;

**Garante** mais da  
metade dos recursos  
dos municípios do  
Paraná;

**Produz** energia  
limpa e sustentável;

**Coloca** comida na  
mesa de todo o  
mundo;

28 de JULHO  
**DIA DO  
AGRICULTOR**

#### Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná  
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar  
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

#### EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se                                    | <input type="checkbox"/> Falecido      |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido                                | <input type="checkbox"/> Ausente       |
| <input type="checkbox"/> Recusado                                    | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente                       |  |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado                    |  |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo<br>porteiro ou síndico |  |

#### REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Responsável

Acesse a versão digital deste informativo:

**sistemafaep.org.br**

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 |  
Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 |  
Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

